

MEDICINA:

Aspectos Epidemiológicos, Clínicos e Estratégicos de Tratamento **6**



Benedito Rodrigues da Silva Neto
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

MEDICINA:

Aspectos Epidemiológicos, Clínicos e Estratégicos de Tratamento **6**



Benedito Rodrigues da Silva Neto
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Medicina: aspectos epidemiológicos, clínicos e estratégicos de tratamento 6

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Benedito Rodrigues da Silva Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M489 Medicina: aspectos epidemiológicos, clínicos e estratégicos de tratamento 6 / Organizador Benedito Rodrigues da Silva Neto. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-055-8

DOI 10.22533/at.ed.558211205

1. Medicina. I. Silva Neto, Benedito Rodrigues da (Organizador). II. Título.

CDD 610

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

De forma geral sabemos que a Epidemiologia “é a ciência que tem como foco de estudo a distribuição e os determinantes dos problemas de saúde – assim como seus fenômenos e processos associados - nas populações humanas”. Ousamos dizer que é a ciência básica para a saúde coletiva, principal ciência de informação de saúde, fornecendo informações substanciais para atividades que envolvem cuidado, promoção de saúde, prevenção e/ou terapia pós dano ou pós adoecimento, envolvendo escuta, diagnóstico e orientação/tratamento.

As Ciências médicas são o campo que desenvolve estudos relacionados a saúde, vida e doença, formando profissionais com habilidades técnicas e atuação humanística, que se preocupam com o bem estar dos pacientes, sendo responsáveis pela investigação e estudo da origem de doenças humanas. Além disso, buscam proporcionar o tratamento adequado à recuperação da saúde.

Ressaltamos com propriedade que a formação e capacitação do profissional da área médica parte do princípio de conceitos e aplicações teóricas bem fundamentadas desde o estabelecimento da causa da patologia individual ou sobre a comunidade até os procedimentos estratégicos paliativos e/ou de mitigação da enfermidade.

Portanto, esta obra apresentada aqui em seis volumes, objetiva oferecer ao leitor (aluno, residente ou profissional) material de qualidade fundamentado na premissa que compõe o título da obra, ou seja, identificação de processos causadores de doenças na população e conseqüentemente o tratamento. A identificação, clínica, diagnóstico e tratamento, e conseqüentemente qualidade de vida da população foram as principais temáticas elencadas na seleção dos capítulos deste volume, contendo de forma específica descritores das diversas áreas da medicina,

De forma integrada e colaborativa a nossa proposta, apoiada pela Atena Editora, consegue entregar ao leitor produções acadêmicas relevantes desenvolvidas no território nacional abrangendo informações e estudos científicos no campo das ciências médicas. Finalmente destacamos que a disponibilização destes dados através de uma literatura, rigorosamente avaliada, fundamenta a importância de uma comunicação sólida e relevante na área médica.

Desejo uma excelente leitura a todos!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A NECESSIDADE DO DIAGNÓSTICO PARA DEFINIÇÃO TERAPÊUTICA DA AMAN, VARIANTE DA SÍNDROME DE GUILLAIN BARRÉ

Heitor Gaudard Azevedo Abreu
Larissa Borges Machado
Camila Santos Goddard Borges
Thaíssa Caroline Oliveira Martins
Aline Santos Amichi
Michele Verliane Chaves
Isabela Marques Drumond
Mariana Miranda Garcia
Isabela Hermont Duarte
Luana Albuquerque Pessoa

DOI 10.22533/at.ed.5582112051

CAPÍTULO 2..... 11

A PERCEÇÃO DO ENFERMEIRO FRENTE AO MODELO DE VISITA AMPLIADA: UM OLHAR PARA A HUMANIZAÇÃO

Vanessa Gomes Maziero
Jackelyne Alves de Medeiros Vilela
Roberta Lazari Padavini

DOI 10.22533/at.ed.5582112052

CAPÍTULO 3..... 22

ANÁLISE RETROSPECTIVA DE PRONTUÁRIO DE PACIENTES VÍTIMAS DE TRAUMA ABDOMINAL FECHADO SUBMETIDOS AO FAST (FOCUSED ASSESMENT WITH SONOGRAPHY FOR TRAUMA) NO SETOR DE EMERGÊNCIA DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DO SUL DO BRASIL

Carolina Leite Molina
Thiago Henrique Crema
Bruno Felipe Viotto Petta
Renato Fernando Cazanti
Carlos Edmundo Rodrigues Fontes

DOI 10.22533/at.ed.5582112053

CAPÍTULO 4..... 28

ASSOCIAÇÃO DOS VALORES DE KI-67 COM FATORES PROGNÓSTICOS NO CÂNCER DE MAMA

Maria Fernanda de Anhaia Arrieira
Fábio Postiglione Mansani
Mario Rodrigues Montemor Netto
Mariane Marcelino Fernandes
Marina Besbati Bertucci
José Koehler

DOI 10.22533/at.ed.5582112054

CAPÍTULO 5.....39

AVALIAÇÃO DA CONTAGEM DE CARBOIDRATOS EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DIABETES *MELITUS* TIPO 1 DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO

Letícia Marcondes Vilar

Raphael Del Roio Liberatore Junior

DOI 10.22533/at.ed.5582112055

CAPÍTULO 6.....52

CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NOTIFICADA EM SALVADOR, BAHIA ENTRE 2017 A 2018

Viviane de Oliveira Costa Lima

Ana Carolina Silva Mendonça dos Santos

Daniela Batista de Santana

Eduardo Brito do Nascimento Neto

Albert Ramon Oliveira Santos

Amanda Cibele Gaspar dos Santos

Macio Wilson Ferreira da Silva

Rafael Eduardo Gurgel de Medeiros

Carlos Jefferson do Nascimento Andrade

DOI 10.22533/at.ed.5582112056

CAPÍTULO 7.....65

COMO PREVENIR A QUEDA? CONTRIBUIÇÃO PARA A COMPREENSÃO DOS FATORES DE RISCO EM ADULTOS MAIS VELHOS A RESIDIR NA COMUNIDADE

Edite Teixeira de Lemos

Luís Pedro Teixeira de Lemos

João Páscoa Pinheiro

Jorge Oliveira

Catarina Caçador

Ana Paula Melo

Anabela Correia Martins

DOI 10.22533/at.ed.5582112057

CAPÍTULO 8.....81

COMPARAÇÃO ENTRE O MÉTODO TRADICIONAL E MÉTODO LÚDICO DE APRENDIZAGEM PARA ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Arthur Vartuli Yokoo

Lucas Oliveira Dabien Haddad

Lucas Soares do Valle

Luiza Zaidan de Souza Prado

Mariana Vidal Montebeller

Matheus Eduardo Lopes Fraga

Daniel Ananias da Silva

Vinicius Moura de Castro

DOI 10.22533/at.ed.5582112058

CAPÍTULO 9.....	93
CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ENVELHECIMENTO E SUA RELAÇÃO COM A QUEDA NO IDOSO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA	
Kamilla Henrique Moreira Mayara Vieira Rodrigues Vivian Silva de Medeiros Carolina Veneranda Vieira Patrícia Otávia Amorim Santa Roza	
DOI 10.22533/at.ed.5582112059	
CAPÍTULO 10.....	100
ESTIMATIVAS DE DISTÚRBIOS GASTROINTESTINAIS DE 2009 A 2018 EM IDOSOS DE UM MUNICÍPIO DO LITORAL DO RIO GRANDE DO SUL	
Thalia Mesquita Quintanilha Gabriel Corteze Netto Camilla Lazzaretti	
DOI 10.22533/at.ed.55821120510	
CAPÍTULO 11.....	108
ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO DO AVC AGUDO NO OESTE DA BAHIA	
Luís Fernando da Cunha Lopes Reis Bianca da Silva Steffany Bruno Angelo Silva Lara Domingues Masini Lawren Wirginia Pereira Dantas Leila de Oliveira Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.55821120511	
CAPÍTULO 12.....	120
EVIDÊNCIAS NO TRATAMENTO DA ESTEATOSE HEPÁTICA: UMA REVISÃO DE LITERATURA	
Christian Mendes Ferreira de Oliveira Danielly Ferreira Melo Giullyana Florentina Belchior Izabela Silva Rezende Juliana Baesse de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.55821120512	
CAPÍTULO 13.....	130
EXAME DE PREVENÇÃO DO CÂNCER DO COLO DO ÚTERO COLETADO POR PROFISSIONAIS DO SEXO MASCULINO: PERCEPÇÕES FEMININAS	
Renê Ferreira da Silva Junior Ricardo Otávio Maia Gusmão Emile Lilian Pereira de Oliveira Marcell Gonçalves Grillo Daniel Silva Moraes Renato da Silva Alves	

Aparecida Samanta Lima Gonçalves
Karla Talita Santos Silva
Jaqueline D'Paula Ribeiro Vieira Torres
Marlete Scremin
Sylmara Corrêa Monteiro
Carla Silvana de Oliveira e Silva

DOI 10.22533/at.ed.55821120513

CAPÍTULO 14..... 140

FRAGILIDADE, QUALIDADE DE VIDA E O PAPEL DA ATENÇÃO PRIMÁRIA NA SAÚDE DO IDOSO

Raíssa Oliveira Cordeiro
Luiz Phelippe Santos Magalhães
Allana Renally Cavalcante Santos de Moraes
Edenilson Cavalcante Santos

DOI 10.22533/at.ed.55821120514

CAPÍTULO 15..... 154

IMPLANTAÇÃO DE PROTEÇÃO RADIOLÓGICA EM HOSPITAL DE ENSINO

Mônica Oliveira Bernardo
Flávio Morgado
Alair Augusto Sarmet Moreira Damas dos Santos
Fernando Antônio de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.55821120515

CAPÍTULO 16..... 166

IMPLICAÇÕES DA QUIMIOTERAPIA NA SEXUALIDADE DA MULHER

Ricardo Otávio Maia Gusmão
Franciele Evangelista Silva
Karla Talita Santos Silva
Ana Paula de Oliveira Nascimento
Sylmara Corrêa Monteiro
Cristiano Leonardo de Oliveira Dias
Bruno de Pinho Amaral
Manuela Gomes Campos Borel
Silvânia Paiva dos Santos
Edila Alves Moraes
Virgínia Ruas Santos
Renê Ferreira da Silva Junior

DOI 10.22533/at.ed.55821120516

CAPÍTULO 17..... 174

INTERDISCIPLINARIDADE NA SAÚDE

Giuliana Mafra Barbosa
Moema Alves Macedo
Cicera Trindade Santos de Souza
Ana Neri Alves da Rocha
Ivancildo Costa Ferreira

Luzia Maria da Guia Malta Prata
Tatyana Rocha de Mello Toledo Guedes

DOI 10.22533/at.ed.55821120517

CAPÍTULO 18..... 181

NOT TODAY – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Brenda Alcântara Vieira Pasini
Camilla Flach Weinmann
Evandro Lopes Bezerra
Helva Kisa Matias Batista
Júlia de Araújo Vianna
Júlia Éboli Lacerda

DOI 10.22533/at.ed.55821120518

CAPÍTULO 19..... 184

O EFEITO DA NUTRIÇÃO ENTERAL PRECOCE NA EVOLUÇÃO CLÍNICA DE RECÉM-NASCIDOS PRÉ-TERMO DE MUITO BAIXO PESO AO NASCER

Priscilla Araújo Duprat de Britto Pereira
Daniela Marques de Lima Mota Ferreira
Vânia Olivetti Steffen Abdallah
Vivian Mara Gonçalves de Oliveira Azevedo
Wallisen Tadashi Hattori

DOI 10.22533/at.ed.55821120519

CAPÍTULO 20..... 194

OS EFEITOS DA MEDITAÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA CLÍNICA NO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA

Matheus Garcia Ribeiro
Ana Carla Pereira Oliveira
Daniel Vinicius Elói
Sara Moraes Borba
Geovanna Versiani de Britto Brandão
Gabriela Fonseca Marçal
Gabriela Nunes de Sousa
Lívia Andrade Duarte
Nicolli Bellotti de Souza

DOI 10.22533/at.ed.55821120520

CAPÍTULO 21..... 199

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA PNEUMONIA EM ARAGUAÍNA-TO NO PERÍODO DE 2017 A 2020

Emanuell Felipe Silva Lima
Luana Portes Costa Caetano
Thays Lima Alves

DOI 10.22533/at.ed.55821120521

CAPÍTULO 22..... 206

POR QUE A ANTIBIOTICOTERAPIA AINDA NÃO DEVE SER A PRIMEIRA ESCOLHA

DE TRATAMENTO PARA A APENDICITE AGUDA

Lorrana Alves Medeiros
Ana Carolina Betto Castro
Vinícius Magalhães Rodrigues Silva

DOI 10.22533/at.ed.55821120522

CAPÍTULO 23.....213

RELATO DE CASO: ANAFILAXIA ALÉRGICA MEDIADA POR IGE EM LACTENTE

Laura Minelli Cantoia
Júlia Pentagna Pereira da Silva
Leonardo Pavan Mamed Bonini
Marcela Petean Madureira
Vanessa Cristina Estevão Soares de Ávila Orso

DOI 10.22533/at.ed.55821120523

CAPÍTULO 24.....216

STENTS DE 1ª, 2ª E 3ª GERAÇÕES: COMPARAÇÃO E COMPLICAÇÕES

Nícolas Guimarães Tondati
Laura Minelli Cantoia
Luiz Garcia Neto
Ana Beatriz Galhardo
Murilo Santana Fonseca
Samara Ariane de Melo
Claudia Helena Cury Domingues

DOI 10.22533/at.ed.55821120524

CAPÍTULO 25.....219

TREINAMENTO PRÁTICO EM ULTRASSONOGRAFIA MAMÁRIA DESENVOLVIDO POR UMA LIGA ACADÊMICA DE RADIOLOGIA – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ritamaris de Arruda Regis
Thiago Ushida
Anna Beatriz Meira Pinheiro
John Nascimento da Conceição

DOI 10.22533/at.ed.55821120525

CAPÍTULO 26.....221

VULNERABILIDADE DAS MULHERES IDOSAS BRASILEIRAS ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Ana Luiza Patricio Ferreira Costa
Aline Gonçalves Pereira

DOI 10.22533/at.ed.55821120526

SOBRE O ORGANIZADOR.....224

ÍNDICE REMISSIVO.....225

CAPÍTULO 6

CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NOTIFICADA EM SALVADOR, BAHIA ENTRE 2017 A 2018

Data de aceite: 03/05/2021

Data de submissão: 15/03/2021

Viviane de Oliveira Costa Lima

Acadêmica de Enfermagem (UNIFTC) e de Humanidades (UFBA)
Salvador-Bahia
<http://lattes.cnpq.br/9464304551954926>

Ana Carolina Silva Mendonça dos Santos

Acadêmica de Enfermagem (UNIFTC)
Salvador-Bahia
<http://lattes.cnpq.br/5685394637643908>

Daniela Batista de Santana

Acadêmica de Enfermagem (UNIFTC)
Salvador-Bahia
<http://lattes.cnpq.br/6163634488005013>

Eduardo Brito do Nascimento Neto

Doutor em Psicanálise pela Faculdade Teológica e Cultural da Bahia
Docente no curso de Enfermagem (UNIFTC)
Salvador-Bahia
<http://lattes.cnpq.br/3158763804328103>

Albert Ramon Oliveira Santos

Mestre em Processos Interativos dos Órgãos e Sistemas pela UFBA
Salvador-Bahia
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8580918211833621>

Amanda Cibele Gaspar dos Santos

Mestre em Enfermagem e Saúde pela UFBA
<http://lattes.cnpq.br/1375583982436572>

Macio Wilson Ferreira da Silva

Enfermeiro pela Faculdade Mauricio de Nassau (Uninassau)
Fortaleza - Ceará
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3248488281433462>

Rafael Eduardo Gurgel de Medeiros

Enfermeiro pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Belém – Pará
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1375583982436572>

Carlos Jefferson do Nascimento Andrade

Doutor em Processos Interativos dos Órgãos e Sistemas pela UFBA
Docente no curso de Enfermagem (UNIFTC)
Salvador-Bahia
<http://lattes.cnpq.br/0465351005495630>

RESUMO: Esse estudo tem como objetivo caracterizar notificações de violência contra mulheres ocorridas na cidade de Salvador, Bahia, entre 2017 a 2019. Para isso foi feito um estudo ecológico, do tipo descritivo, com dados secundários do Sistema de Informações de Agravos e Notificações. Identificou-se que mulheres jovens, negras, com baixa escolaridade e solteiras foram mais expostas a violações físicas, de autoria própria ou dos parceiros íntimos, que tiveram como cenário principal o âmbito doméstico. A enfermagem possui papel fundamental na identificação e notificação desses casos, por isso detém poder de criar caminhos para estratégias mais eficazes de combate ao problema.

PALAVRAS-CHAVE: Violência contra a mulher;

CHARACTERIZATION OF VIOLENCE AGAINST WOMEN NOTIFIED IN SALVADOR, BAHIA BETWEEN 2017 TO 2018

ABSTRACT: This study aims to characterize notifications of violence against women that took place in the city of Salvador, Bahia, between 2017 and 2019. For this purpose, an ecological study, of the descriptive type, with secondary data from the Diseases and Notifications Information System was made. It was identified that young, black women, with low education and unmarried women were more exposed to physical violations, of their own authorship or of intimate partners, whose main scenario was the domestic sphere. Nursing has a fundamental role in the identification and notification of these cases, so it has the power to create paths for more effective strategies to combat the problem.

KEYWORDS: Violence against women; Notification; Epidemiology.

1 | INTRODUÇÃO

A Violência Contra a Mulher (VCM) é um fenômeno considerado grande desafio para saúde global, pois esse tipo de vivência repercute em adoecimento e morte. Estima-se que o problema é subdimensionado, pelas suas interfaces que diferem da violência de forma geral: o ambiente doméstico e a autoria de pessoas próximas, com vínculos de intimidade são fatores que maximizam o silenciamento sobre tal vivência. Assim, os sinais visíveis podem ser identificados com maior facilidade em ambientes de saúde, o que torna essas instituições um ponto chave para compreender quais grupos estão mais expostos e os meios mais usados para essas violações. Com isso, o reconhecimento do perfil da VCM a partir de dados epidemiológicos é fundamental para a implementação de políticas públicas mais eficazes no enfrentamento ao agravo.

De forma ampla, a violência é compreendida por qualquer ato ou conduta que gere danos físicos, sexuais, psicológicos ou morais (SAFFIOTI, 2015). Ao passo que a VCM é tipificada em cinco tipos, que vão desde tentativas ou violações físicas, sexuais, psicológicas, morais ou patrimoniais, que podem ser expressadas de maneira isolada ou sobrepostas umas às outras (BRASIL, 2006). A vivência pode ser adoecedora e, quando os autores utilizam de meios mais cruéis, podem até matar mulheres expostas ao problema.

A magnitude do problema foi estimada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), ao realizar um estudo multicêntrico em 10 países, que desvelou que 35% da população feminina com idades entre 15 a 49 anos já sofreu, ou ainda sofre, violações físicas ou sexuais (OMS, 2002). Apenas em 2019, a Organização das Nações Unidas (ONU) estimou que 243 milhões de meninas e mulheres sofreram violações. No mesmo ano, o Brasil teve uma taxa de 4,3 mortes violentas de mulheres para cada 100 mil habitantes (IPEA, 2019).

Quando não morrem, mulheres podem adoecer mental e fisicamente. No que tange os danos psicológicos, a VCM pode repercutir em traumas psicológicos, abuso de

álcool e outras drogas, Síndrome do Estresse Pós-Traumático, Transtorno de *Bordeline*, *Cutting* e ideação suicida (OMS, 2002). No corpo, a exposição pode repercutir em traumas físicos, dificuldade para deambular, cefaleia, dores musculares e abdominais, distúrbios gastrointestinais e outros problemas de saúde em geral (CARNEIRO et al 2017; OMS, 2002; OMS, 2014). Tratando-se da saúde sexual e reprodutiva, o problema pode ser expresso pelo sexo inseguro, que por sua vez oportuniza as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs); a proibição do uso de métodos contraceptivos, que geram gravidezes forçadas, abortos inseguros, partos prematuros; e, lacerações genitais (OMS, 2014).

A longo prazo, o problema aumenta o risco para surgimento de doenças crônicas, como a Hipertensão Arterial Sistêmica e o Diabetes *Melittus* (DM) (OMS, 2002). Outrossim, os danos causados pela vivência extrapolam o corpo da mulher exposta ao atingir também suas filhas(os): baixo rendimento escolar, vulnerabilidade para o uso de álcool e drogas ainda na adolescência, traumas físicos, sentimentos de medo e tristeza (CARNEIRO et al, 2017). Ainda, assistir cenas de violência cometida por pais contra mães colaboram para que meninos repitam as atitudes paternas na vida adulta (LÍRIO et al, 2018).

Esses resultados negativos associados ao alto número de pessoas que sofrem VCM causam impactos à economia pública. Isso porque, as marcas da violência, sejam elas visíveis ou não, aumentam as chances de faltas no trabalho, incapacidade de exercer atividades laborais, dificulta a participação em atividades sociais, o que reduz as possibilidades de autonomia financeira (OSHIRO, 2017). Assim, elas ficam mais dependentes do auxílio do Estado, seja pelas pensões, programas de auxílio à renda, internações por agravos resultantes das violações. Nesse aspecto, estima-se que são investidos mundialmente 1,5% trilhão de dólares no enfrentamento à VCM, enquanto que no Brasil o montante costuma ser igual a 5,6% do Produto Interno Bruto (ONU, 2016; IPEA, 2019).

A fim de promover o enfrentamento ao problema e pressionado pelas cobranças do movimento feminista, o Brasil passou a investir em ações com maior ênfase no início dos anos 2000. Essas medidas foram instituídas por meio de políticas públicas, portarias ou leis, o Estado criou medidas de prevenção e combate ao problema nos âmbitos jurídico, policial e da saúde. No campo penal, destaca-se a Lei Maria da Penha, que além de tipificar violência doméstica, também criou medidas para penalização e reeducação dos autores, além de criar estratégias para proteção das vítimas, a exemplo da Medida Protetiva de Urgência (BRASIL, 2006). Outrossim, a Lei 13.104, de 2015, mais conhecida como Lei do Femicídio, estipulou a morte violenta por motivo de gênero como um crime hediondo, que é agravado quando o crime é praticado na presença de ascendentes ou descendentes da vítima, ou quando ela considerada incapaz, seja por motivo de idade, deficiência; ou ainda esteja no ciclo gravídico puerperal (BRASIL, 2015).

Em consonância com as políticas para coibir a VCM, o Código Civil adicionou em 2003 a Lei 10.778 que obriga os profissionais de saúde a notificarem os casos suspeitos

ou confirmados de violência doméstica e sexual contra mulheres (BRASIL, 2003). Para viabilizar as notificações, o Ministério da Saúde (MS) implantou o Sistema de Vigilância de Violência e Acidentes (VIVA) no âmbito do Sistema Único de Saúde (BRASIL, 2016). Assim, o registro desses dados se dá por meio da Ficha de Notificação/Investigação Individual da Violência Doméstica, Sexual e/ou Outras Violências (FNIV). nível ascendente, as informações das notificações compulsórias alimentam o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) desde 2009. Esse sistema é gerenciado pelo SUS e Vigilância Sanitária, tornando possível o acompanhamento das tendências epidemiológicas dos brasileiros.

2 | METODOLOGIA

Trata-se de um estudo ecológico, de caráter descritivo e de série temporal a partir de dados secundários notificados de violência contra mulher cadastrados no SINAN. Esse tipo de metodologia viabiliza à pesquisadora a possibilidade de compreender melhor o fenômeno da violência através de quatro âmbitos: individual, familiar, social e comunitário. Esse modelo foi utilizado no primeiro relatório mundial sobre violência e saúde porque ele ajuda a compreender o agravo a partir de diversos fatores e como eles se articulam entre si (OMS, 2002; CASIQUE; FUREGATO, 2006).

Os dados serão coletados no SINAN, através do DATASUS. O referido banco de dados é alimentado pelas das FINV, oriundas de registros feitos em diversos serviços de saúde. A fim de coletar dados mais recentes, utilizaremos o Portal de Informações de Saúde da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (SESAB). Nesse caso, serão analisadas informações do período entre janeiro de 2017 a agosto de 2019, relacionadas a mulheres com idades entre 10 a 49 anos e registradas por serviços da cidade de Salvador. Como critérios de exclusão, serão descartadas informações referentes a notificações com sexo ignorado ou que tenham idade fora da janela temporal da idade fértil.

As informações foram categorizadas em variáveis sociodemográficas da mulher (idade, raça/cor, escolaridade e situação conjugal); informações sobre o agravo (tipo de violência, meio de agressão e local de ocorrência); e, por último, dados do provável autor (sexo, número de envolvidos e grau de vínculo com a mulher).

Com o objetivo de melhorar a interpretação desse estudo, foram consideradas como “outras violências” os registros de: tráfico de pessoas, tortura, trabalho infantil, negligência e outras violências. Essa forma de interpretação se dá porque o número de notificações relacionadas a esses tipos de violência é baixo em relação aos demais (violência psicológica, física e sexual).

Da mesma forma, foram considerados como “Ambiente Doméstico”, as violências que ocorreram em domicílios e habitação coletiva e como “Outros Locais” as que ocorreram em Escola, local de prática esportiva, bar ou similar, comércio ou serviços, indústria, e

outros locais. Em relação aos autores dos atos violentos, foram classificados como: genitores (mães, pais, padrastos e madrastas), parceiros íntimos (cônjuge ou namorado), ex-parceiros íntimos (ex-cônjuge, ex-namorado) e outros vínculos (Agente da Lei/policial, pessoa com relação institucional, patrão/chefe, filho (a), irmão (ã), cuidador (a), e outros).

Para tratamento dos dados, foi utilizado o programa TabWin 4.0 e Microsoft Excel. A apresentação dos dados seguiu o modelo de tabelas usado por Lawrenz e Colaboradoras (2019). Para discussão, foram analisados estudos anteriores sobre a temática.

3 | RESULTADOS

No período de janeiro de 2017 a agosto de 2019, foram registradas 6.326 notificações de violência contra a mulher. Observou-se que as FNIV se referiam a pessoas com idades entre 20 a 24 anos, de etnia parda, com nível de escolaridade relativo ao ensino médio e que eram solteiras (Tabela 1). Atenta-se para incompletude superior a metade das notificações para variáveis sobre cor/raça, escolaridade e situação conjugal.

Variável	2017		2018		2019		TOTAL	TOTAL
	f (n)	f (%)	f (n)	f (%)	f (n)	f (%)	f (n)	f (%)
Faixa etária								
10 a 19 anos								
10 a 14 anos	149	7,37%	177	7,22%	110	5,93%	436	6,83%
15 a 19 anos	375	18,57%	386	15,75%	309	16,25%	1052	16,49%
20 a 29 anos								
20 a 24 anos	388	19,21%	453	18,48%	348	18,75%	1189	18,64%
25 a 29 anos	274	13,57%	394	16,08%	279	15,03%	947	14,84%
30 a 39 anos								
30 a 34 anos	310	15,35%	348	14,20%	249	13,42%	907	14,22%
35 a 39 anos	264	13,07%	327	13,34%	253	16,63%	844	13,23%
40 a 49 anos								
40 a 44 anos	167	8,27%	222	9,06%	190	10,24%	579	9,07%
45 a 49 anos	92	4,55%	144	5,88%	118	6,36%	324	6,64%
TOTAL	2019	100%	2451	100%	1856	100%	6278	100%
RAÇA/COR								
Amarela	8	0,40%	10	0,41%	6	0,32%	24	0,38%
Branca	73	3,62%	119	4,86%	75	4,04%	267	4,22%
Indígenas	4	0,20%	6	0,24%	5	0,27%	15	0,24%
Parda	495	24,52%	805	32,84%	450	24,25%	1750	27,66%
Preta	317	15,70%	346	14,12%	245	13,20%	908	14,35%
Ignorada	1122	55,57%	1165	47,53%	1075	57,92%	3362	53,15%
Total	2019	100%	2451	100%	1856	100%	6278	100%

ESCOLARIDADE								
Sem escolaridade	4	0,20%	9	0,37%	5	0,27%	18	0,28%
1ª a 4ª série do E. F. incompleta	47	2,33%	55	2,24%	26	1,40%	128	2,02%
Até o Ensino fundamental								
1ª a 4ª série do E. F. completa	33	1,60%	32	1,31%	14	0,75%	79	1,25%
Até o Ensino Médio								
Ensino Superior completo ou incompleto								
5ª a 8ª série do E.F. incompleta	141	6,98%	186	7,59%	103	5,55%	430	6,79%
Ensino Fundamental Completo	37	1,83%	94	3,84	38	2,05%	169	2,67%
Ensino Médio Incompleto	160	7,92%	253	10,32%	93	5,01%	506	8,00%
Ensino Médio Completo	173	8,57%	204	8,32%	153	8,24%	530	8,21%
Ensino Superior Incompleto	59	2,92%	76	3,10%	50	2,69%	185	2,92%
Ensino Superior Completo	41	2,03%	61	2,49%	41	2,21%	143	2,26%
Ignorado/Em Branco	1323	65,53%	1481	60,42%	1333	71,82%	4137	65,89%
Não se aplica	1	0,04%	--	--	--	--	1	0,01%
Total	2019	100%	2451	100%	1856	100%	6278	100%
Situação conjugal								
Solteira	551	27,29%	604	26,64%	408	21,98%	1563	24,71%
Casada/União Consensual	207	10,25%	300	12,24%	207	11,51%	714	11,29%
Viúva	1	0,04%	8	0,33%	2	0,11%	11	0,17%
Separada	24	1,80%	37	1,51%	29	1,56%	90	1,42%
Não se Aplica	46	2,27%	47	1,92%	33	1,78%	126	1,99%
Ignorados/Em Branco	1190	58,90%	1455	59,36%	1177	63,42%	3882	60,42%
Total	2019	100%	2451	100%	1856	100%	6278	100%

Tabela 1 - Característica sociodemográficas das mulheres em situação de violência

Fonte: SESAB/SUVISA/DIVEP/SINAN, 2019

Com relação às características do agravo (Tabela 2), o estudo revela que violências físicas foram mais registradas (76,79%), ao passo que os meios mais utilizados para as agressões foi a força física (56,96%). No que tange à violência sexual, o levantamento aponta para os estupros como violação mais frequente dentre essas (86,36%). Outrossim, pode-se notar que algumas FNIV provavelmente remetiam a mais de um tipo e de meio de violação, visto que o número de notificações dessas variáveis é superior ao total de casos registrados. Acerca do cenário da violência mais comum, o levantamento revela o âmbito

doméstico (32,48%) mais provável para a perpetuação dos agravos.

	2017		2018		2019		TOTAL	
	f (n)	f (%)	f (n)	f (%)	f (n)	f (%)	f (n)	f (%)
TIPIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA								
Física	1627	80,58%	1887	76,98%	1344	65,98%	4858	76,79%
Psicológica	414	20,50%	440	17,95%	335	16,45%	1189	18,80%
Sexual	274	13,57%	284	11,58%	180	8,84%	738	11,67%
Outras	217	10,74%	229	9,34%	178	8,74%	624	9,87%
Total	2531	125,49%	2840	115,85%	2027	109,21%	7409	117,12%
MEIOS DE AGRESSÃO								
Força Corporal Espancamento	1304	64,58%	1407	57,40%	892	48,06%	3603	56,96%
Enforcamento	50	2,47%	60	2,44%	41	2,20%	151	2,40%
Objeto Contundente	84	4,16%	142	5,79%	60	3,23%	286	4,52%
Substância / objeto quente	11	0,17%	20	0,75	13	0,71%	44	0,70%
Objeto Perfuro-Cortante	189	2,96%	282	4,56%	212	3,35%	643	11,74%
Envenenamento	139	6,88%	289	11,79%	265	13,73%	693	10,95%
Arma de Fogo	80	3,60%	84	3,42%	56	3,01%	220	3,48%
Ameaça	227	11,24%	240	9,79%	159	8,40%	626	9,90%
Outra Agressão	67	3,31%	147	5,99%	125	6,73%	339	5,36%
Total	2151	106,53%	2671	108,97%	1826	98,38%	6648	105,10%
EXPRESSÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL*								
Estupro	243	88,68%	250	88,02%	153	85,00%	646	86,36%
Assédio Sexual	48	17,51%	27	9,50%	28	15,55%	103	13,86%
Pornografia Infantil	2	0,72%	3	1,05%	--	--	5	0,70%
Exploração Sexual	3	1,09%	8	2,81%	--	--	11	1,50%
Outras Violências	2	0,72%	8	2,81%	3	1,66%	13	1,75%
TOTAL	298	108,75%	296	104,22%	184	102,22%	778	105,00%
LOCAL DE OCORRÊNCIA								

Ambiente Domiciliar	622	30,80%	815	38,06	578	31,14%	2055	32,48%
Via Pública	392	19,41%	570	26,62%	236	12,71%	1198	18,93%
Outros	122	6,04%	141	6,58%	94	5,22%	357	5,64%
Total	1136	56,26%	1526	71,27%	908	65,08%	3570	56,43%

Tabela 2: expressões da vivência de violência e locais de ocorrência

Fonte: SESAB/SUVISA/DIVEP/SINAN, 2019

A análise das características dos prováveis autores (Tabela 3) denota que a própria pessoa foi registrada em maior proporção aos demais vínculos (13,46%). Por outro lado, parceiros íntimos (13,10%) também tiveram posição de destaque no levantamento, enquanto que o sexo do autor remetia a homens (36,26%), ou esteve ignorado (37,76%).

Vínculo	2017		2018		2019		TOTAL	TOTAL
	f (n)	f (%)	f (n)	f (%)	f (n)	f (%)	f (n)	f (%)
Genitor(a)	74	3,78%	115	5,37%	48	2,58%	237	3,75%
Parceiro íntimo	210	10,40%	376	17,56%	243	13,09%	829	13,10%
Ex-Parceiro íntimo	112	5,54%	137	6,39%	79	4,25%	328	5,20%
Filho	13	0,64%	19	0,88%	8	0,43%	40	0,63%
Irmão	37	1,83%	44	2,05%	23	1,23%	104	1,64%
Amigo/Conhecido	132	6,53%	152	7,23%	92	5,28%	376	5,94%
Desconhecido	193	9,55%	192	8,96%	145	7,81%	530	8,37%
Outros Vínculos	71	3,51%	120	5,60%	49	2,64%	240	3,79%
Própria Pessoa	139	6,88%	335	15,64%	376	20,25%	850	13,46%
Total	1031	51,04%	1521	71,04%	1124	60,56%	3676	58,10%
SEXO DO PROVÁVEL AUTOR DA VIOLÊNCIA								
Masculino	814	40,32%	904	36,88%	576	31,03%	2294	36,26%
Feminino	256	12,68%	425	17,34%	457	24,62%	1138	18,00%
Ambos os Sexos	19	0,94%	19	0,78%	17	0,92%	55	0,86%
Ignorados/Em branco	930	46,06%	1103	45,00%	806	43,43%	2839	37,76%
Total	2019	100%	2451	100	1856	100%	6326	100%

Tabela 3: Características dos autores de VCM

Fonte: SESAB/SUVISA/DIVEP/SINAN, 2019

4 | DISCUSSÃO

Com base nas notificações, percebe-se um volume gradual dos casos de VCM no

período analisado. Em estudo sobre evolução da violência sexual contra mulheres no Brasil, o avanço numérico dos registros foi observado ao longo dos anos, o que pode remeter a um maior conhecimento acerca da FINV pelos profissionais notificadores, ou mesmo um aumento das agressões no período avaliado (GASPAR, PEREIRA, 2018).

Por outro lado, uma grande lacuna nas informações prestadas foi observada. Dados importantes das características individuais de cada mulher foram deixados de lado, o que não permitiu uma análise mais detalhada acerca das intersecções associadas ao fenômeno. Essa incompletude sugere uma falta de percepção dos profissionais sobre a importância do registro dessas variáveis, ou serem causadas pelo silenciamento da mulher para responder questões relacionadas ao sofrimento vivido (GOMES et al, 2012; ALCANTARA et al, 2016).

Nesse aspecto, barreiras para a identificação e notificação dos casos de VCM foram identificados em estudo com profissionais da Atenção Primária à Saúde (APS), que revelaram ter medo de represálias por parte dos autores, incapacitados para atender essas demandas relacionadas ao problema, além do acesso mitigado às FINV (BEZERRA et al, 2016). Outros entraves são a escassez de tempo para realização de atendimento, a insegurança para realizar as notificações; e por parte das usuárias medo de responderem questões, falta de tempo ou mesmo ambiência inadequada para expor aspectos íntimos sobre a vida pessoal (D'OLIVEIRA et al, 2020; MATTOS, RIBEIRO, CAMARGO, 2012).

No que tange a classificação etária, considerada um item obrigatório para a validade do reporte, os dados relativos às idades das mulheres foram completamente preenchidos. Notou-se que há maior visibilidade dos casos que envolvem adultas jovens, com idades de 20 a 24 anos. O resultado encontrado é semelhante a levantamentos epidemiológicos anteriores, que classificam esse grupo como mais propenso a sofrer violações, em níveis mais cruéis (LAWRENZ et al, 2018; IPEA, 2019).

Da mesma forma, a variável cor/raça indicam que mulheres negras são as mais violadas. Talvez, esse resultado possa ser associado ao perfil demográfico das soteropolitanas, em que cerca de 80% da população soteropolitana se identifica como “parda” ou “preta” (IBGE, 2019). Contudo, associar a exposição mais frequente das mulheres negras à violações apenas à identidade racial das cidadãs de Salvador, seria no mínimo raso. É preciso considerar que gênero e raça se interseccionam, e colocam essas mulheres em maior risco de experienciar desagradáveis de violações.

Nesse ponto, a VCM tem suas raízes ainda no período colonial, em que as pretas, traficadas de África para trabalho escravo, eram sujeitadas a exploração braçais, sexuais e físicas. Esses castigos, que objetificaram e hipersexualizaram as negras, se refletem até hoje como uma ferida aberta do racismo através do crescimento da violência para o grupo (RIBEIRO, 2015). A nível nacional, o fenômeno é experienciado por mulheres negras numa escala maior e, cada vez mais, cruel (BRASIL, 2018; WAILSELFISZ, 2015).

Outro fator associado às desigualdades sociais no país, remete ao acesso à educação. Em nosso estudo, mulheres com baixa escolaridade foram mais frequentes em

comparação às de maior tempo de estudo, corroborando com estudo realizado em regiões turcas, em que a situação escolar mais baixa esteve associada a maiores índices de abuso conjugal (ASLAN et al, 2019). Já se sabe que esse fator condiciona a mulher a dificuldade de ascensão financeira por meio do mercado de trabalho, o que as torna mais dependentes financeiramente dos parceiros íntimos ou outros familiares, com isso as coloca em maior vulnerabilidade de sofrer agressões e não conseguem romper com a relação violenta.

No que diz respeito à situação conjugal, o estudo revelou maior frequência de solteiras, em contrapartida às casadas ou em uniões estáveis. O resultado difere de estudo brasileiro, em que uma a cada três casos de VCM corresponderam à violência conjugal (WAILSELFISZ, 2015). Provavelmente, há uma dificuldade em mencionar a autoria da agressão quando praticada pelo parceiro íntimo, seja pela naturalização desse fenômeno, seja pela vergonha em falar sobre uma interface tão íntima de suas relações, ou mesmo por se culpabilizar pela violação sofrida.

Outrossim, o âmbito doméstico se mostrou um espaço inseguro, revelando-se enquanto cenário de violações. Assim, o sentimento de conforto e segurança, comumente atribuídos ao lar, diferem das experiências vividas por muitas mulheres. Em tempos de pandemia, onde o afastamento social é uma estratégia para mitigar a contaminação pelo COVID-19, muitas pessoas podem ficar ainda mais expostas à violência doméstica, com alternativas reduzidas para romperem a violência.

Em que se pese as violações mais notificadas, aqueles tipos que repercutem em traumas físicos, foram mais reportados no estudo. Provavelmente, isso significa uma maior visibilidade da VCM, justamente pelas marcas deixadas no corpo da pessoa violada. Nesse aspecto, enfermeiras de Atenção Básica, referiram que há mais facilidade para questionar se uma paciente está em situação de violência quando percebem hematomas, traumas e lacerações genitais (SILVA et al, 2017).

Acerca dos autores da violência, o estudo surpreende ao demonstrar a amplitude das violações autoprovocadas. Sabe-se que a vivência de violência aumenta o risco para ocorrência desse agravo, e por isso a VCM pode ter tido associação a esses reportes (OMS, 2002). Por se tratar de um assunto tabu na sociedade, provavelmente esses casos ganharam mais visibilidade que as violações causadas por outras pessoas e levaram ao resultado apresentado pelo estudo.

Por outro lado, quando associadas a outras pessoas, o levantamento desvela uma frequência de parceiros e ex-parceiros íntimos na autoria das agressões. Enquanto os atos violentos que acometem aos homens costumam ocorrer em locais públicos, onde os autores das agressões são outros homens que geralmente não têm vínculo de proximidade com as vítimas; às mulheres são agredidas no âmbito privado, geralmente em suas próprias casas e por pessoas de vínculo de intimidade (WALSSEFIZ, 2015). Essas características fazem com que o silenciamento da VCM seja comum (OSTERNE, 2011; WHITE, SATYEN, 2015).

Dentre as limitações de um estudo que utiliza dados secundários, estão as

barreiras para o acesso às informações, pelo fato da coleta primária ter sido feita sem uma supervisão das(os) pesquisadoras(es). Assim, o levantamento só teve completude em variável obrigatória para o registro de notificação, que foi “idade”. As demais estiveram sempre uma frequência de informações ignoradas ou deixadas em branco, o que reduz nossas chances de analisar com maior objetividade do fenômeno da VCM na região.

Essas questões podem estar relacionadas ao desconhecimento sobre o correto preenchimento da FINV, falta de tempo, ou até um descompromisso com o problema. Além das características e interfaces levantadas, o estudo sinaliza a necessidade da capacitação profissional para identificar casos que nem sempre estejam visíveis e conseguir reportar com maior fidedignidade as situações atendidas nos serviços de saúde para autarquias epidemiológicas. O conhecimento sobre a temática precisa ocorrer desde a graduação e pós-graduação, além de captar maiores investimentos na educação continuada de trabalhadores da APS, maternidades, emergências, entre outros serviços que podem receber mulheres em situação de violência que necessitam de um olhar mais atencioso.

5 | CONCLUSÃO

A pesquisa revela uma vulnerabilidade maior para mulheres jovens, negras, que sofrem violações no âmbito doméstico, por pessoas de vínculo de confiança. O levantamento também aponta para a necessidade de um olhar mais apurado sobre as auto agressões, uma vez que elas aparecem com grande frequência no estudo. Apesar das limitações encontradas a partir da subnotificação de algumas características relevantes sobre o perfil epidemiológico das mulheres em situação de violência, este estudo reforçou resultados encontrados em pesquisas anteriores sobre a temática acerca das notificações compulsórias para casos suspeitos ou confirmados de violência contra mulheres.

Embora se detenha a notificações e por isso não demonstram em sua totalidade todos os espectros do problema, o artigo corrobora que existe um grupo de mulheres mais expostas à vivenciarem o agravo e que elas não estão seguras dentro da própria casa, na companhia de pessoas que deveriam ter confiança e carinho. Isso nos remete à intensificação da violência doméstica sofrida por mulheres em todo mundo, dada as medidas de isolamento ou afastamento social em tempos de pandemia (VIEIRA, GARCIA, MACIEL, 2020).

O profissional de enfermagem, por estar inserido em todos os âmbitos da rede de saúde e possuir ferramentas para identificar sinais da vivência, tem um papel fundamental para a identificação do agravo (SILVA et al, 2017). Com isso, maximizar a importância da VCM ser encarada como um problema de saúde pública e que as mulheres que passam pelo problema precisam receber um tratamento com olhar completo e diferenciado.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, M. C. M. et al. **Subnotificação e invisibilidade da violência contra a mulher**. Revista Médica de Minas Gerais, v. 26, p. 313-317, 2016. Disponível em: <<http://www.rmmg.org/Sumario/173>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

BEHAVIOR, 24, 120-130. doi: 10.1016/j.avb.2015.05.005. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1359178915000671>

BRASIL. **Lei nº 10778, de 24 de novembro de 2003**. Estabelece a notificação compulsória, no território nacional, do caso de violência contra a mulher que for atendida em serviços de saúde públicos ou privados. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília (DF), 2003 nov 25; Seção 1:11

Ministério da Saúde. **Secretária de Vigilância em Saúde. VIVA**. Brasília-DF. 2015. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2016/fevereiro/16/instrutivo-ficha-sinan-5-1--vers--o-final-15-01-2016.pdf>

CARNEIRO, Jordana Brock et al. **Domestic violence: repercussions for women and children**. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, e20160346, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452017000400214&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19/05/2019. <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2016-0346>.

CASIQUE, Leticia; FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. **Violência contra mulheres: reflexões teóricas**. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 14, n. 6, p. 950-956, Dec. 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692006000600018&lng=en&nrm=iso>. access on 05 Nov 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692006000600018>.

GOMES, Nadirlene Pereira; ALACOQUE, Lorenzinni Edrmann. **Violência conjugal na perspectiva de profissionais da “Estratégia Saúde da Família”: problema de saúde pública e a necessidade do cuidado à mulher**. Rev. Latino-Am. Enfermagem. jan.-fev. 2014;22(1): DOI: 10.1590/0104-1169.3062.2397.

LAWRENZ, Priscila et al. **Violência contra Mulher: Notificações dos Profissionais da Saúde no Rio Grande do Sul. Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 34, e34428, 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722018000100527&lng=en&nrm=iso>. access on 22 ago. 2019. Epub May 16, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e34428>.

Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres e convenção interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher; dispõe sobre a criação dos juizados de violência doméstica e familiar contra a mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, p. 1, 8 ago. 2006. Seção 1.

Lei nº 13.104, de 09 de agosto de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir feminicídio no rol de crimes hediondos. Diário Oficial da União - Seção 1 - 10/3/2015, Página 1 (Publicação Original), 2015B.

LIRIO, Josinete Gonçalves dos Santos et al. **Abuso intrafamiliar na infância de homens em processo criminal por violência conjugal**. Acta paul. enferm., São Paulo, v. 31, n. 4, p. 423-429, July 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002018000400423&lng=en&nrm=iso>. access on 07 Mar. 2021. <https://doi.org/10.1590/1982-0194201800059>.

MATTOS, Paulo Roberto; de et al. **Análise dos casos notificados de violência contra a mulher. Cogitare Enferm. 2012 Out/Dez; 17(4):738-44.** Disponível em: <https://revistas.ufrpr.br/cogitare/article/view/30383/19659>. Acesso em: 18/05/2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Secretária de Vigilância em Saúde. VIVA.** Brasília-DF. 2015. Disponível em: <http://portal.arquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2016/fevereiro/16/instrutivo-ficha-sinan-5-1--vers--o-final-15-01-2016.pdf>

SENADO FEDERAL. **Panorama da violência contra as mulheres no Brasil: indicadores nacionais e estaduais.** Brasília: Senado Federal, 2018. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR-2018.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2019.

Panorama da violência contra as mulheres no Brasil [recurso eletrônico]: indicadores nacionais e estaduais. – N. 2 (2018) -. -- Brasília: Senado Federal, Observatório da Mulher Contra a Violência, 2018-. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR-2018.pdf>.

Organização das Nações Unidas. ONU MULHERES. COVID-19 and Ending Violence Against Women and Girls. **Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres).** Disponível em: <https://www.unwomen.org//media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2020/issue-brief-covid-19-and-ending-violence-against-women-and-girls-en.pdf?la=en&vs=5006>. Acesso em 15 fev. 2021.

OSHIRO, Cláudia Poletti. **Violência de gênero e religião: uma análise da influência do cristianismo em relações familiares violentas a partir de mulheres acolhidas nas Casa Abrigo Regional Grande ABC e de homens autores de violência doméstica.** Dissertação de mestrado, UMESP, 2017.

OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. **A violência contra a mulher na dimensão cultural da prevalência do masculino.** O público e o privado - N° 18 - Julho/Dezembro - 2011. Disponível em: <http://www.seer.uece.br/?journal=opublicoeco privado&page=articulo&op=view&path%5B%5D=324&path%5B%5D=465>

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª ed. - São Paulo: COMPANHIA DAS LETRAS, 2018.

SAFFIOTI, H. (2015) **Gênero, patriarcado e violência (2ª ed.).** São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo.

WAILSELFISZ JJ. **O mapa da violência 2015. Homicídios de mulheres no Brasil.** Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO; 2015.

WHITE, M. E., & SATYEN, L. (2015). **Cross-cultural differences in intimate partner violence and depression: A systematic review.** Aggression and Violent

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **World Report on Violence and Health.** Geneva. 2002.

World Health Organization. **Global status report on violence prevention 2014.** Geneva: World Health Organization; 2014.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acidente vascular cerebral (AVC) 40, 108, 109, 114

Adolescentes 39, 41, 42, 43, 47, 48, 49, 50

Adultos mais velhos 65, 66, 67, 71, 73, 75, 77

Antígeno ki-67 28

Área da saúde 81, 82, 85, 87, 157, 162, 176, 177, 180

Atenção primária à saúde 60, 106, 131, 140, 195, 197

Avaliação 6, 14, 23, 26, 27, 29, 30, 39, 49, 50, 65, 66, 68, 69, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 90, 94, 95, 96, 98, 105, 110, 112, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 159, 204, 220

C

Câncer 28, 29, 30, 36, 37, 121, 130, 131, 132, 133, 135, 137, 138, 139, 145, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 197, 219, 220

Câncer de mama 28, 30, 36, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 219, 220

Comissão 132, 154, 155, 157, 158, 159, 162

Comorbidades associadas 108

Contagem de carboidratos 39, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51

Crianças 39, 41, 42, 43, 47, 48, 50, 91, 123, 156, 160, 161, 163, 185, 199, 202, 203, 204, 208

Cuidados de enfermagem 98, 131

D

Depressão 97, 142, 181, 182, 183, 196

Diabetes mellitus tipo 1 39, 40, 47, 48, 49

Diagnóstico 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 17, 18, 22, 26, 28, 29, 30, 31, 43, 44, 46, 50, 84, 96, 101, 102, 107, 114, 120, 122, 123, 132, 135, 143, 149, 154, 156, 167, 168, 169, 171, 188, 203, 204, 211, 214, 215, 219

Diarreia 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 126, 214

E

Enfermagem 11, 13, 17, 18, 19, 20, 21, 50, 52, 62, 63, 87, 96, 98, 130, 131, 133, 136, 137, 138, 139, 140, 150, 159, 166, 168, 172, 173, 180, 220, 224

Envelhecimento 50, 67, 68, 75, 76, 93, 94, 95, 96, 97, 105, 140, 141, 142, 150, 151, 195, 197, 203, 204, 221, 222

Epidemiologia 10, 53, 78, 93, 96, 108, 114, 115, 151, 177, 204, 220

Esteatose hepática 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127

Estratégia saúde da família 63, 131, 148, 151

Exame Fast 22

F

Fatores de risco 10, 65, 66, 67, 68, 77, 93, 95, 96, 97, 109, 110, 112, 113, 115, 120, 121, 122, 124, 141, 167, 200, 203

Fatores prognósticos 28, 30, 35, 36

G

Gastroenterite 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106

Gestão da mudança 155

Gestão da qualidade 155

H

Hospital de ensino 154, 155, 157, 162

Humanização da assistência 11, 20

I

Idoso fragilizado 140

Idosos 68, 73, 75, 79, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 140, 141, 142, 144, 149, 150, 151, 199, 203, 204, 208, 217, 221, 222, 223

Imuno-histoquímica 28, 29

Independentes 66, 68, 193

Injúria abdominal 22

Interdisciplinaridade 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180

Interprofissional 174, 175, 176, 178, 179, 180

J

Jogos educativos 81, 82, 85, 86, 88, 91

L

Leite humano 184, 185, 186, 188

Ludificação da aprendizagem 82

M

Metodologia ativa de ensino 82

Modelo logístico 184

Mulher 29, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 61, 63, 64, 75, 131, 132, 133, 135, 136, 166, 167, 168, 171, 172, 223

Mulheres 29, 52, 53, 55, 57, 60, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 70, 71, 74, 75, 100, 103, 104, 108, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 219, 221,

222, 223

N

Neuropatia axonal motora aguda 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9

Neuropatias periféricas 1, 2, 8

Notificação 52, 53, 55, 60, 62, 63

Nutrição enteral 184, 185, 186, 188, 189, 191, 192, 193

P

Patogênese 120, 121, 122

Polimedicação 65, 66, 68, 69, 70, 76

Pré-termo 184, 185, 191

Proliferação celular 28, 29

Proteção radiológica 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162

Q

Qualidade de vida 47, 50, 77, 93, 94, 96, 97, 100, 140, 148, 149, 150, 167, 168, 171, 172, 195, 197, 210

Quedas 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 75, 76, 79, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 149

Quimioterapia 29, 30, 166, 167, 168, 169, 170, 171

S

Saneamento básico 100, 102, 104, 105

Síndrome de Guillain-Barré 1, 2, 4, 5, 7, 10

Suicídio 181, 182, 183

SUS 12, 14, 20, 55, 98, 99, 100, 101, 102, 114, 131, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 199, 201, 203

T

Teste de papanicolaou 131

Tratamentos 18, 30, 76, 120, 122, 194, 197

U

Unidades de terapia intensiva 11, 13, 20

V

Vestibular 181, 182, 183

Violência contra a mulher 52, 53, 56, 63, 64

MEDICINA:



Aspectos Epidemiológicos, Clínicos e Estratégicos de Tratamento **6**

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2021

MEDICINA:



Aspectos Epidemiológicos, Clínicos e Estratégicos de Tratamento **6**

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2021